

## Ficha de Entrevistas

### INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A PESSOA ENTREVISTADA

**Nome ou Apelido**

Julians e Luana

**Quem são?**

Julians e Luana se conheceram no Largo do Arouche. Frequentam a região desde a adolescência e, assim como muitas pessoas, não moram ali, mas buscam o largo como refúgio LGBTQIA+. Julians trabalha em uma balada LGBTQIA+ da região e Luana é estudante de 17 anos.

**Responsáveis Pelo Entrevista**

Não identificados, acervo Repep, 17 de julho de 2016

### RELAÇÃO DO ENTREVISTADO COM O BEM CULTURAL PESQUISADO

Thais<sup>1</sup>: Hoje é dia 17 de julho de 2016, a gente tá gravando no Largo da Arouche, com Julians e com a Luana e eles estão autorizando a gravação da nossa conversa. Pode falar 'autorizo...

Julians: Eu autorizo.

Luana: Eu autorizo.

T: Obrigada. Você falou que frequenta aqui há 11 anos, né? Basicamente...

J: Sim.

T: E você Luana, você frequenta há quanto tempo?

L: Faz desde meus 15 anos.

T: Hoje, você tem quantos anos?

L: 17.

T: Você trabalha já no ramo LGBT também nas boates...

J: Sim.

T: ...você também Luana, trabalha nesse ramo? Não. Você trabalha com quê?

L: Com nada.

T: 'Com nada'.

L: Estudo.

---

<sup>1</sup> Nome da entrevistadora não confirmado.

J: É estudante.

T: É estudante

L: Aham..

T: Ah, é estudante. Sim, entendi. Vocês ficaram sabendo daqui como? Foi quando vocês... quando se assumiram LGTBs?

J: Olha, eu conheci aqui quando eu vim para São Paulo.

T: Por que você não era daqui?

J: Não, era do interior, e assim, no interior, o lugar conhecido, em São Paulo, lá como todo mundo que é GLS conhece em qualquer lugar é o Largo do Arouche.

T: Entendi.

Entrevistadore 2: Você veio para São Paulo com o objetivo de vir para o Arouche?

J: Não, eu vim para cá para estudar. Aí eu conheci, fui conhecendo, um outro meio GLS e estou aqui até hoje.

T: Ah, legal. Quando vocês frequentam, tem algum tipo de atividade, ou não? Vocês só se encontram porque a galera está sempre aqui.

J: Olha, antigamente tinha tipo uma atividade do som, até hoje eles estão tentando voltar com isso, né? Mas antigamente se tinha aquela vontade de enfim... Era aquele ponto de encontro onde todo mundo se reunia, era um lugar divertido, mas devido a assaltos, confusões, por falta de segurança já não se tornou hoje em dia mais aquele público que tinha antigamente.

T: Era maior.

J: Era maior. Antigamente você andava aqui por volta de umas 7 horas de domingo, você não conseguiria andar.

T: Nossa.

J: Para você ter uma ideia...

T: Mudou bastante.

J: Mudou bastante.

T: Mas isso só atribuído a violência? Ou você acha que tem outros pontos que as pessoas também começaram a frequentar?

J: Olha, o que também tirou um pouco foi a abertura das boates nos bairros, né? Isso ajudou um pouco também, mas o foco principal é que o assalto, o índice de violência que cresceu.

T: Não necessariamente LGBT, violência em geral.

J: Não necessariamente, em geral. É, isso acabou afastando um pouco.

T: Você acha que quando frequentava mais gente sempre foi pontos de periferia? Ou você acha que sempre foi assim qualquer classe a galera colava.

J: Não, sempre foi qualquer classe. Sim, tinha famílias que vinham aqui também.

T: Ah é? Interessante.

J: Sim. Tinha famílias de héteros que vinham. Era vamos dizer assim, tipo encontro no Parque Ibirapuera. Aqui era...

L: Quando tem evento aqui, às vezes, às vezes, não: toda vez que tem evento que eu venho aqui tem família que vem, mas tipo é muita confusão, né?...

J: Muito raro.

L: Também por causa das confusão que tem, né? Porque...

J: Hoje em dia a família já não tem mais aquela segurança 'eu vou tirar meus filhos de casa para conhecer o meio, para ficar numa sociedade igual, sendo que vai ter violência'.

L: É porque... tipo, igual da última vez que teve coisa aqui, que foi aqui assim ((indica)), que teve um palco aqui. Teve treta, um viado quebrou a garrafa e tipo tinha crianças junto, tinha criança assim. Aí os pais já saiu, aí todo mundo já começou a ir embora. Aí os polícia, não sei que milagre, mas os polícia veio até aqui... aí teve que dispersar todo mundo, né? Por causa disso, aí eu acabei indo embora, né? Eu nem fiquei muito, porque eu não quero mais ficar, né?

T: Assim, mas você acha que também essa questão... por exemplo, você disse que parou de frequentar também por causa do assalto, essas famílias héteros [vocês] acham que parou também de vir por causa desses eventos? Que aconteceu alguma coisa?

J: Provavelmente...

L: Talvez sim, acho que sim.

J: ...porque não tem mais aquela segurança de quem vem aqui, né? É um ponto que eu sempre bato, sempre falo, em questão do respeito. Procura um respeito, a gente luta por respeito, sendo que não há respeito dentre nós, porque se tivesse o respeito dentre a gente, tinha um respeito de qualquer um, eu sempre aprendi: dá o respeito, pra ser respeitado.

T: Entendi.

J: Que é isso que tá faltando, respeito entre a gente.

L: Igual no ano passado, a Parada Gay do ano passado, assim, aquilo que eles fez, colocou o crucifixo no... na bunda, vamos dizer assim, né? E tipo eu falei 'pô, eles... todo mundo a gente quer respeito e tudo, mas eles não dão respeito', entendeu? Igual, esse ano até que foi suave. Eu vi lá no Facebook que teve até uns evangélicos que veio também.

T: É, teve.

L: E foi tudo normal esse ano, mas o ano passado eu falei 'eu não vou aí por causa dessa palhaçada', né? Eu achei muito desrespeitoso isso, a gente quer respeito, mas tem uns que passa dos limite. Mas fora isso...

T: Mas a maioria de vocês têm esse pensamento de que 'não adianta desrespeitar uma ou religião ou algum determinado grupo social' ou assim é uma coisa meio banalizada?

J: Olha, a questão para mim não é nem desrespeito, né? A questão é assim, antigamente a Parada Gay tinha um único fundamento 'eu quero lutar pelos nossos direitos', hoje em dia já não é mais esse movimento. Hoje em dia, os homossexuais eles vê a Parada Gay como um... uma passeata de assim, de putaria, de pegar, de beijar, de... fazer os atos sexuais no meio do povo.

T: Entendi. Como uma forma de resistência, de afronta.

J: Sim. De afronta. Isso não acaba ganhando respeito, né? Acaba se desrespeitando a si mesmo. Hoje não há, o que não há no nosso meio... é o respeito no meio da gente. Porque se houvesse respeito... que o respeito começa de dentro, mas o respeito... para ganhar respeito de fora precisa vir de dentro e não tá havendo esse respeito de dentro.

T: De dentro. Entendi. E vocês acham que o Arouche tem que continuar como esse ponto de encontro para os LGBTs ou vocês acham que assim, se por acaso...

J: Olha, é muito difícil

T: Se por acaso esse parque acontecer, vocês acham que as pessoas pela valorização do local mesmo, você acha que as pessoas vão embora, ou continua, vai sendo vai ser resistência, assim?

J: Olha, já tentaram uma vez, não conseguiram. Tentaram várias vezes, não conseguiram e não vão conseguir.

T: E que tipo de tentativa você diz, assim?

J: Olha, já colocaram um monte de policial para tirar a gente da praça.

T: Ah, é?

((Conversa ao fundo de Luana e outras pessoas))

J: Várias vezes já tava acho, a gente via cercar policial na praça tirando a gente daqui. Mas não...

T: Não adianta...

J: Não adianta, porque querendo mesmo se eles tentassem isso, a gente pode levar em consideração como crime, como posso dizer é... homofobia mesmo, porque está discriminação, tá discriminação a gente, entendeu? Tanto que tem até boate que... assim mostra na descrição que transexual não poder entrar na boate, sabe? Isso também, eu acho uma coisa chata, porque assim ou você ou você não é, ou você luta junto ou você luta contra. Então...

T: É. Então, provavelmente, você acha que vai ser mantido? Ah, desculpa pode falar.

J: Sim.

E2: A maioria das pessoas aqui, não é de região próxima daqui, não é daqui do centro?

J: A maioria, não.

T: A maioria vem de outros pontos?

J: Vem de outros pontos.

E2: Então, possivelmente o encarecimento da região as pessoas vão ficar vindo, né?

T: Independente, né?

J: Vão, independente.

Entrevistadore 3: Você é de onde?

J: Eu sou daqui mesmo, do centro.

E2: Mas ela é de Pirituba.

E3: E ele?

T: O outro menino ali...

J: Ele acabou de chegar.

L: ...o outro menino é de São Mateus.

J: Você é de São Mateus?

T: Ele não, ele...

((intervenção de outras pessoas que estavam ao redor))

Pessoa 1: Pirituba.

J: Pirituba, mais longe ainda, interior.

P1: Só pegar a linha da CPTM.

P2: Bicha, quarenta minutos você está na minha casa, não? E na sua casa? São quantos dias?

J: Quinze.

J: Quinze minutos.

Pessoa 2: Quinze? Quinze é a beira da minha buceta, tu não vai daqui até ali. Não vem com brincadeira, não. Hoje eu não estou boa, bicha. Hoje eu não estou boa... não estou boa... Estou um pouquinho nervosa.

L: Eu moro em Pirituba também.

T: Ah, legal.

((Pessoa 2, não identificada, começa a falar))

T: Vocês querem perguntar mais alguma coisa?

E2: Ah, eu queria perguntar uma outra coisa, quando vocês começaram a frequentar o Arouche vocês vinham assim com um grupo de amigos que você já conheciam ou vocês formaram grupos aqui?

J: A maioria eu acho que formaram o grupo aqui.

L: É, eu formei o grupo aqui.

T: Que interessante, as pessoas vêm mesmo sozinhas e começam a interagir.

E3: Você veio sozinha de Pirituba?

L: É.

E3: Gente.

L: Eu vim com meu irmão, porque meu irmão também é. Mas como ele é vagabundo, que ele saiu ontem, entendeu? Ele me deixou sozinha, aí eu vim sozinha hoje. Porque eu vim pensar praticamente, né? Porque aconteceu uns babado. Aí eu falei 'eu vou pensar, mas eu vou pensar longe da minha casa'.

T: Aham.

E2: Entendi.

T: Então um super rola uma recepção para qualquer pessoa que chegue, tranquilo?

((Conversa Paralela Entrevistadore2 e Luana))

J: A gente até, assim geralmente quando eu vejo alguém sozinha assim eu já alerta, 'que foi que aconteceu?' [inaudível].

T: Ah bacana, de boas, você está em casa, você morava onde antes?

J: Itu.

T: Em Itu? Em Itu você não tem esses pontos lá?

J: Não, em Itu o pessoal é muito cabeça fechada.

T: Mas, você veio para cá, você já tinha se descoberto LGBT ou não?

J: Eu vim para cá como refúgio.

T: Como refúgio, 'falous galera, tchau'

J: 'To indo'.

P2: [incompreensível] aqui.

J: Oi?

P2: A senhora [incompreensível] aqui no Arouche.

J: Não, lá também era, mas era escondido.

T: Era, mas era mais ou menos.

J: É, tentava ser escondido. Porque a família é conhecida na cidade, então.

P2: Você já foi escondida? ((para Luana))

L: Eu nunca foi escondida, viado.

T: Aí, meu deus, aí legal. Bom, vocês querem perguntar mais alguma coisa? Eu acho que era basicamente isso.

E2: Eu acho que não.

T: Ai gente, obrigada. Massa, muito bom mesmo, legal para caramba.